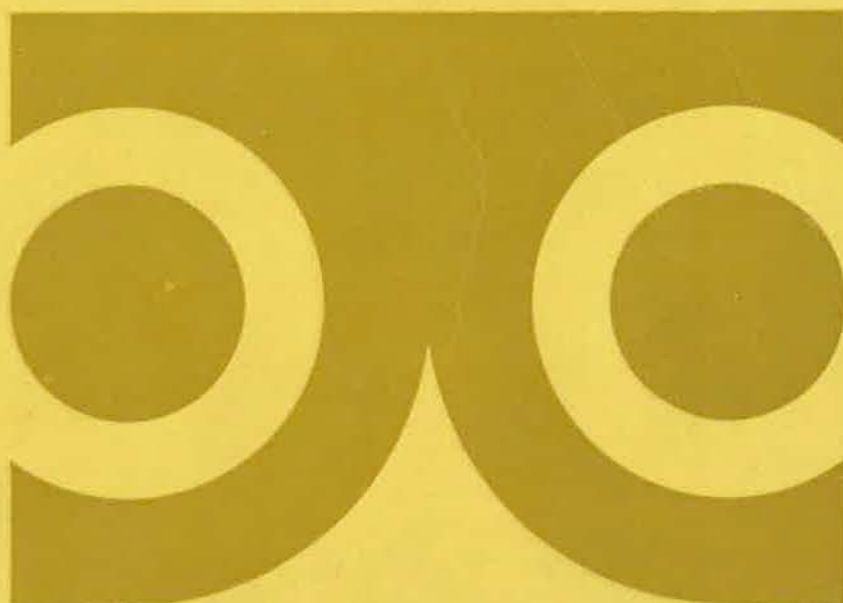




**REVISTA DO CENTRO DE HISTÓRIA DA
UNIVERSIDADE DE LISBOA • VOL. 4 • 1982**



INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Re 4023/85



**REVISTA DO CENTRO DE HISTÓRIA
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA**

VOLUME 4 — 1982



Direcção de
Francisco Salles Loureiro
João Medina
Victor Gonçalves



INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA
Centro de História da Universidade de Lisboa
LISBOA 1982



REVISTA DO CENTRO DE HISTÓRIA
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

VOLUME 4 — 1982

Direcção de
Francisco Salles Loureiro
João Medina
Victor Gonçalves

Índice

ESTUDOS & INTERVENÇÕES

O povoado calcolítico do Cabeço do Pé da
Erra (Coruche) 7
Victor Gonçalves

Materiais campaniformes do concelho de
Oliveira do Hospital 19
João Carlos de Senna Martinez

Cerâmicas da Idade do Ferro da Alcáçova de
Santarém 35
Ana Margarida Arruda

Uma introdução ao *Domesday Book* . . . 41
Fernanda Maurício

Política norte-africana: rumos na expansão
portuguesa 51
Maria Clara Junqueiro

Uma carta inédita de Afonso de Albuquerque
que 61
*Maria Clara Junqueiro, António Ribeiro
Guerra*

Jesuítas na crista da onda da política sebás-
tica 71
Francisco Salles Loureiro

O crescimento de Lisboa e Porto na segunda
metade do séc. XIX e princípios do XX . . 79
António Ravara

Arquivos históricos de Lisboa: contribuição
para um roteiro 95
Arnaldo António Pereira

ENTREVISTA

- Entrevista com Aurélio Quintanilha . . . 121
João Medina

VÁRIA

- Datation au C14 du site archéologique de la
plage de Magoito . . . 133

Suzanne Daveau, Ana Ramos Pereira, Georges Zbyszewski

- Povoado pré-histórico do Cabeço do Cubo
(Campo Maior) . . . 137

Jorge Oliveira, Ana Carvalho Dias

- Epitáfio de Euprepres . . . 141

José d'Encarnação

- Um mercúrio em bronze, inédito . . . 143

Pedro Barbosa

- A propósito de Morón . . . 147

António Dias Diogo

RELATÓRIOS DE ACTIVIDADE

- Cerro do Castelo de Santa Justa (Campanha
4(82) . . . 155

Victor Gonçalves

- Escavações arq. na Ilha do Pessegueiro (3.^a
Campanha) . . . 165

*Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares,
Antónia Coelho Soares*

Cerâmica da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém

Ana Margarida Arruda *

e

Helena Catarino *

1. Introdução

Uma escavação realizada em 1979 na Alcáçova de Santarém permitiu recolher abundante espólio arqueológico. Contactadas pelos responsáveis destes trabalhos, promovidos pela Associação para a Defesa e Investigação do Património Histórico e Cultural de Santarém, iniciamos o estudo de um conjunto de materiais atribuíveis à Idade do Ferro, estudo esse que se integraria numa monografia sobre a totalidade do espólio e que reuniria os trabalhos parcelares. Dificuldades que nunca foram explicadas aos diversos autores protelaram indefinidamente a publicação desse trabalho global, tendo-se iniciado então a divulgação sectorial dos resultados. Tal foi o caso do material romano (Diogo, 1983).

Chamamos desde já a atenção para o facto da sondagem de 1979, conforme verificámos, não ter atingido níveis arqueológicos preservados, sendo todo o espólio agora estudado proveniente de níveis de entulho e/ou revolvimento. Não possuímos qualquer indicação sobre a posição estratigráfica dos achados uma vez que não se dispõe de qualquer perfil desenhado que permita esclari-

recer tal posição, nem sequer de um registo individual com claras indicações de proveniência.

A ausência de indicações estratigráficas, que possam enquadrar cronologicamente as cerâmicas agora estudadas, dificultou a sua integração cultural. Os resultados aqui apresentados têm evidentemente por base apenas observações de carácter tipológico, devendo ser consideradas como hipóteses de trabalho a serem ou não confirmadas em futuras escavações.

Um primeiro lote de peças foi estudado pelas duas signatárias. O trabalho foi posteriormente completamente refundido, com a entrega de novos materiais, o que, tal como a redacção final, é da responsabilidade de A.M.A.

2. O espólio

No material que nos foi facultado dois núcleos cerâmicos foram imediatamente identificados. Um, integrável na I Idade de Ferro, com um cunho marcadamente mediterrânico e orientalizante, sobre o qual incide fundamentalmente o nosso estudo, outro, que podemos incluir já na II Idade do Ferro,

* Investigadoras da Unidade de Arqueologia. Centro de História. Faculdade de Letras. 1699 Lisboa Codex Portugal.

a propósito do qual faremos apenas uma breve referência. Fazem parte do primeiro *cerâmicas de verniz vermelho*, *cerâmicas com decoração pintada em bandas e linhas paralelas* e *cerâmicas cinzentas*.

2.1. *As cerâmicas de verniz vermelho*

Apenas possuímos dois fragmentos de bordo (n.º 29 e 30) com as paredes internas cobertas de verniz vermelho e que se integram respectivamente nas formas 1 e 20 de Emetério Quadrado (Quadrado, 1969).

O fragmento n.º 29 apresenta um verniz de boa qualidade, espesso, aderente e alisado, que foi aplicado sobre uma aguada castanha clara (5 YR 7/6). A superfície externa, não sendo coberta de verniz, é, no entanto, alisada apresentando bom tratamento devido à aplicação da aguada. O verniz é vermelho escuro (10 R 4/8). A pasta é bem depurada e homogênea, com inclusões de quartzo, mica, feldspato e minerais ferro magnesianos e tem cor laranja acastanhado (2.5 YR 6/8).

O fragmento n.º 30 apresenta diferenças consideráveis em relação ao anterior. O verniz, aqui directamente aplicado sobre a superfície interna, é menos aderente e menos espesso, sendo de qualidade inferior, e a cor vermelha é de tom mais alaranjado (10 R 5/8). No que diz respeito à pasta não apresenta, no entanto, qualquer diferença.

Ambos os bordos são estreitos, não ultrapassando em nenhum dos casos os 3 cm de largura e os diâmetros internos têm respectivamente 25 e 28 cm.

2.2. *As cerâmicas pintadas*

São abundantes na Alcáçova de Santarém fragmentos cerâmicos que apresentam uma pintura policroma em bandas, zonas e linhas paralelas. Estas distribuem-se nas paredes externas dos vasos, numa enorme variedade de combinações. Zonas separando bandas que alternam ou não com superfícies não pintadas, bandas e zonas pintadas em continuidade, bandas alternando com linhas estreitas são as combinações mais frequentes.

A pintura é aplicada sobre: (a) superfícies alisadas (n.º 31 e 35); (b) uma aguada (n.º 32, 33, 37 e 38); (c) um engobe branco amarelado (10 YR 8/3) (n.º 26, 27, 28, 34 e 36).

A cor usada nas zonas é sempre o vermelho: escuro (10 R 4/8), de boa qualidade, brilhante

e alisado, produzindo quase um brunido que lembra o verniz vermelho do prato n.º 29 (n.º 31, 32, 33, 34 e 35); acastanhado (5 YR 5/4) sem tratamento especial (n.º 36 e 38)

As cores das linhas e bandas são o branco (10 YR 8/2) (n.º 39 e 40) e (10 YR 8/1) (n.º 38), o cinzento claro (10 YR 5/1) (n.º 27, 31, 34 e 35), o cinzento escuro (10 YR 4/1) (n.º 36, 37 e 38) e o castanho (5 YR 5/6) (n.º 27 e 40).

Os fragmentos n.º 26 e 28 apresentam uma pintura castanha (5 YR 5/6) sobre os bordos e uma banda de 2,5 cm de largura, na parede interna imediatamente a seguir ao bordo. Esta banda é vermelha escura (10 R 4/8) e está bem demarcada no caso do n.º 26. Também neste caso o vermelho adquiriu um brilho e um brunido com as características do verniz vermelho.

Tanto neste caso como no dos n.º 31, 32, 33, 34 e 35 poderíamos falar de verniz vermelho. Decidimos, no entanto, inclui-los na categoria das cerâmicas pintadas por uma questão metodológica, uma vez que possuem características deste grupo. Torna-se assim a levantar a questão, aliás já observada por Pellicer Catalán ao estudar as cerâmicas do Cerro Macareno (Pellicer Catalán, 1982). Falar de vernizes, engobes ou pinturas sobre algumas cerâmicas com superfícies vermelhas da Proto-História mediterrânica sem as necessárias análises físico-químicas e petrográficas torna-se extremamente difícil.

As cerâmicas pintadas de Santarém apresentam pastas muito homogêneas, pouco se diferenciando entre si. São de cor laranja acastanhado (2.5 YR 6/8) e possuem abundantes componentes não plásticos de quartzo, mica, feldspato e minerais ferro magnesianos, para além da inclusão de concreções silto ferruginosas. As paredes internas, não pintadas, não apresentam qualquer tratamento e são de cor laranja (2.5 YR 6/6) com excepção dos n.º 32 e 33 que são cinzentas claras (10 YR 6/3) e do n.º 40 que é cinzento escuro (2.5 YR 4/0).

Só no caso do n.º 32 foi possível determinar a largura da zona pintada, 55 mm. As bandas variam de largura entre os 5 e os 9 mm enquanto as linhas têm uma variação entre os 1 e 4 mm.

No que se refere às formas, o estudo foi dificultado, uma vez que apenas três fragmentos foram passíveis de reconstituição gráfica. Os n.º 26 e 28 são bordos pertencentes a vasos de boca larga, bordo recto e extrovertido e no caso do n.º 26 com duas asas que partem do bordo. O n.º 27 é um fragmento de parede pertencente a um vaso com esta mesma forma.

Incluimos neste grupo de cerâmicas dois fragmentos de bordo, pertencentes a pratos (n.º 41 e 42), com superfícies sobre as quais foi aplicado um engobe espesso, de boa qualidade, brilhante e de cor castanho amarelado (5 YR 6/4). A pasta é em tudo semelhante às anteriormente descritas.

2.3. As cerâmicas cinzentas

As cerâmicas chamadas *cinzentas do Ocidente* apresentam na Alcáçova de Santarém uma grande diversidade quanto a formas, cor das superfícies e pastas.

Temos fragmentos:

1. De paredes muito finas, com superfícies de cor cinzento muito escuro (7.5 YR 4/0) e que apresentam um muito bom tratamento traduzido por um polimento obtido a torno, o que produziu um engobe muito fino. Têm pastas muito bem depuradas, com minúsculas inclusões de mica branca e com uma cor variando entre o cinzento claro (7.5 YR 7/0) (n.º 6, 9, 10 e 19) e o castanho escuro (7.5 YR 7/6) (n.º 11, 12, 13, 14, 16 e 18).

2. Com as superfícies de cor entre o cinzento acastanhado (10 YR 5/2) na superfície externa e o castanho (10 YR 5/3) na superfície interna. As pastas, bem depuradas, de cor castanho (5 YR 6/4) e núcleo cinzento claro (5 YR 6/1) têm numerosos elementos não plásticos de dimensões inferiores a 1 mm de quartzo e mica.

3. Com as superfícies bem alisadas de cor cinzento (7.5 YR 5/0) e de pastas bem depuradas, com elementos não plásticos de dimensões inferiores a 1mm de quartzo e mica. A pasta é de cor cinzenta (10 YR 6/1) (n.º 1, 2, 3 e 7).

Habitualmente incluídos na categoria das cerâmicas cinzentas os fragmentos n.º 22 e 43, dois bordos de pratos, têm um fabrico mal cuidado com as superfícies alisadas, sendo muito visíveis os traços desse alisamento. As superfícies não possuem uma coloração uniforme variando entre o preto (2.5 YR 3/0) na parede interna e na externa junto ao bordo e o castanho (5 YR 6/4). A pasta apresenta abundantes componentes não plásticos de quartzo e mica e algumas concreções silto ferrugíneas.

Esta sondagem na Alcáçova de Santarém ofereceu ainda um fragmento de parede de vaso com decoração brunida (n.º 25). Tem as superfícies de cor cinzenta (7.5 YR 4/0) e a pasta com abundantes elementos não plásticos de quartzo e mica é de cor cinzento esverdeado (2.5 YR 5/2).

2.4. As cerâmicas da II Idade do Ferro

São cinco os fragmentos cerâmicos que incluímos na II Idade do Ferro. Quatro fazem parte de potes de bordo extrovertido e lábio convexo ou aplanado (n.º 46, 47, 48 e 49). O n.º 44 é um fragmento de parede de um pote que apresenta como característica principal uma decoração pintada. Essa pintura, aplicada sobre um engobe amarelado, consta de bandas paralelas de cor vermelho acastanhado e branco.

As pastas, friáveis, têm abundantes componentes não plásticos de quartzo e mica de dimensões superiores a 1 mm. As superfícies externas apresentam um tratamento de alguma qualidade tendo sido alisadas.

3. Considerações finais

As limitações impostas pelas condições referidas em 1. vieram naturalmente impedir opiniões conclusivas a respeito do espólio aqui estudado. Este, apresenta no entanto características que merecem ainda algumas reflexões.

As cerâmicas de verniz vermelho, as de superfícies pintadas e as cinzentas finas, têm surgido sempre associadas nas feitorias fenícias do Norte de África e do sul de Espanha em alguns casos logo a partir dos inícios do século VIII A. C..

Em Portugal, são conhecidos os conjuntos de Santa Olaia e Crasto (Santos Rocha, 1904-1908), de Conímbriga (Alarcão, A. 1976 e Alarcão, J. 1975) e do Castelo de Alcácer do Sal (Soares e Tavares da Silva, 1980). Se exceptuarmos o último sítio, no qual estas cerâmicas são datadas do século VI A.C., não existem estratigrafias seguras que permitam obter para elas uma cronologia.

A cerâmica de verniz vermelho da Alcáçova de Santarém possui bordos bastantes estreitos. Tal facto, aproxima-a dos exemplares dos estratos I e II de Toscanos (Schubart *et alii*, 1969). Aí, os pratos de verniz vermelho presentes desde os estratos inferiores do século VIII A. C., onde possuem bordos de larguras reduzidas, entre 2 e 3 cm, aumentam progressivamente essa largura atingindo nos estratos mais recentes os 9 e 10 cm. Em Portugal, tendo ainda em conta este facto, são os de Conímbriga os que mais se aproximam dos de Santarém não existindo, no entanto, para eles uma datação segura. Os do Castelo de Alcácer do Sal, situados no estrato III níveis 9 e 10, datados do século

VI A.C., caracterizam-se por uma largura considerável dos seus bordos entre os 4 e 5 cm.

Quanto à cerâmica pintada «tipo orientalizante», está presente em todos os sítios de influência fenício-púnica. Os vasos de boca larga, bordo extrovertido e recto fazem parte de todos os conjuntos publicados, fazendo a sua aparição nos níveis mais antigos, perdurando até ao século IV A.C. Se no entanto atendessemos à cor vermelho vivo alaranjado ou acastanhado usada nas zonas e em algumas bandas, poderíamos aproximá-los dos níveis 25-21 do Cerro Macareno (Pellicer Catalán, 1982), da camada 4 de Mogador (Jodin, 1966) e dos níveis XI e X do Cabezo de S. Pedro (Garrido Roiz, 1970). A pintura branca de algumas bandas presente na camada 4 de Mogador e, em Portugal, no Castelo de Alcácer do Sal está no entanto ausente dos sítios da região de Huelva.

Quanto às chamadas cerâmicas cinzentas do Ocidente, não poucos problemas se levantam quanto à sua origem e cronologia. A sua origem focense, defendida por Benoît (Benoît, 1961), datava o seu aparecimento do século VI A. C., o que entretanto viria a ser contrariado com a publicação da estratigrafia de Toscanos (Schubart *et alii*, 1969), onde surge nos estratos I e II. Teriam por isso aqui, uma origem fenícia clara, uma vez que, como já referimos, estes estratos estão datados do século VIII A. C. Estas cerâmicas, situando-se entre os séculos VIII A. C. e VI A. C. em toda a bacia do Guadalquivir, nomeadamente em Quemados (Lúzon e Ruiz, 1973), Cabezo de la Esperanza (Schubart e Garrido, 1967), La Joya (Garrido, 1970) e Cabezo de S. Pedro (Blazquez *et alii*, 1970), e em Toscanos (Schubart *et alii*, 1969), prolongaram-se excepcionalmente em Lixus (Quadrado, 1969), até finais do século II.

Também em Portugal surgiu sempre em conjuntos homogêneos da I Idade do Ferro, Alcácer do Sal (Soares e Tavares da Silva, 1980), Santa Olaia (Santos Rocha, 1904-1908) e Moinho da Atalaia (Vaz Pinto e Parreira, 1978), prolongando-se em Conimbriga até aos inícios do século I D.C. (Alarcão, J., 1975).

As cerâmicas cinzentas finas de Santarém encontram nalguns grupos definidos para Cerro Macareno (Pellicer Catalán, 1982) bons paralelos. O grupo A de cerâmicas importadas, que surge nessa estação no nível 25 e perdura até ao 19, séculos VIII-VI A. C., corresponde aos nossos fragmentos n.ºs 3, 7 e 12. Ao grupo C (níveis 17-15, século V) correspondem os n.ºs 6, 9 e 10.

Se atendessemos exclusivamente às cerâmicas de verniz vermelho seríamos obrigados a colocar o espólio da I Idade do Ferro, num seu momento muito arcaizante. No entanto, os outros dados, nomeadamente a heterogeneidade das cerâmicas cinzentas finas e a pintura branca em alguns fragmentos de cerâmica pintada, apontam já para cronologias mais avançadas. Foi nossa decisão, por isso, não nos pronunciarmos em termos absolutos sobre a cronologia deste conjunto de peças. Só escavações futuras poderão efectivamente vir a comprovar a convicção com que ficámos de que nos encontramos não perante um conjunto homogêneo de materiais, mas, pelo contrário, de cerâmicas pertencentes a diversos níveis arqueológicos correspondentes a diversas fases da I Idade do Ferro.

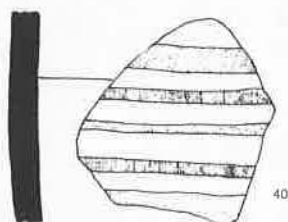
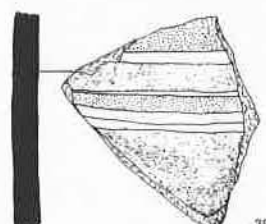
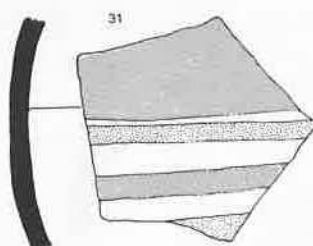
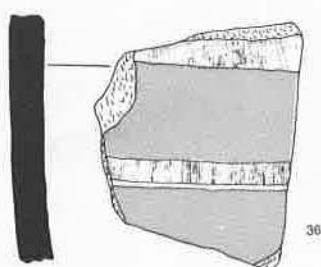
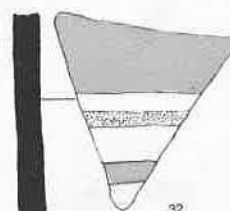
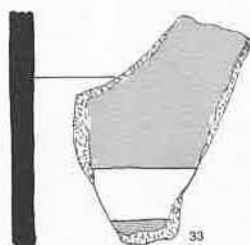
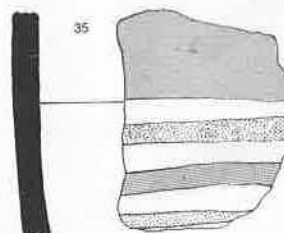
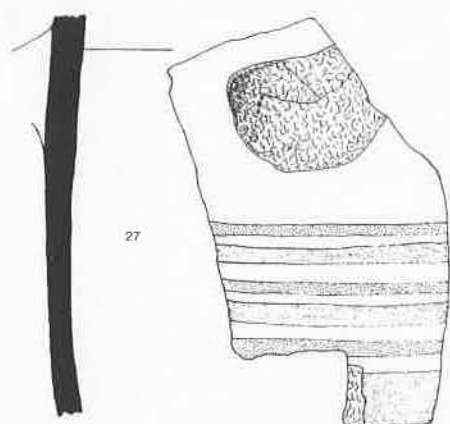
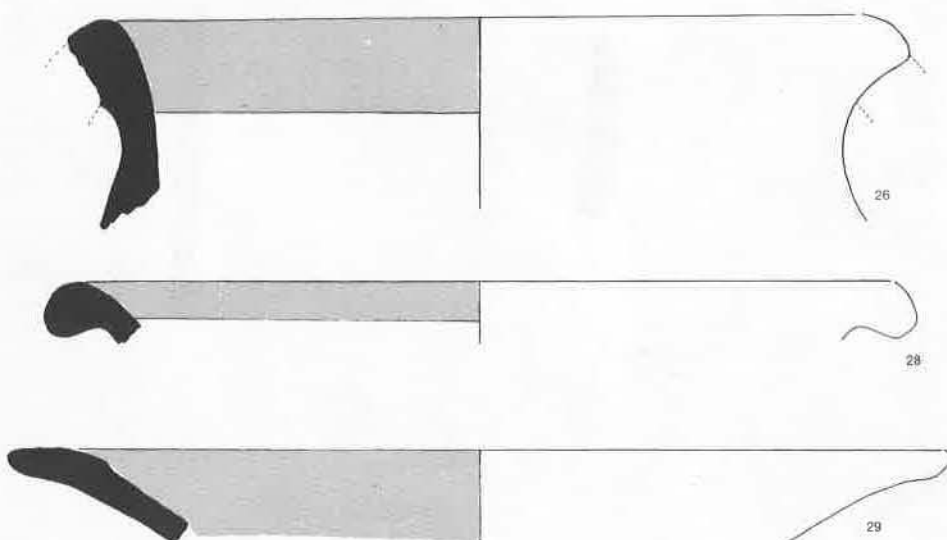
As cerâmicas da II Idade do Ferro surgem na Alcáçova de Santarém em formas muito comuns em Portugal. Citam-se os casos da Pedra da Atalaia (Tavares da Silva, 1978), Veiros, concretamente nos seus estratos C e D (Arnaud, 1969) e Vidais (Arruda e Catarino, 1981). Esta II Idade do Ferro de feição continental ter-se-á desenvolvido na Península nos séculos III e II A. C..

A forte influência do Mediterrâneo Oriental, sentida na Alcáçova de Santarém, talvez desde o século VI A.C., terá continuado até ao século III A.C., altura em que, a «Cultura dos castros da Meseta» se começa a fazer sentir na faixa central do território hoje português. A essa influência mediterrânica não é certamente alheio o Tejo, aqui jogando um papel fundamental, aliás à semelhança do Sado em Alcácer do Sal e do Mondego em Santa Olaia e Conimbriga. No caso do Tejo, certamente esse papel fundamental não se limitará à actual Santarém pelo que nos propomos pesquisar também na área urbana de Lisboa e no que se chama, em geral, o Baixo Tejo.

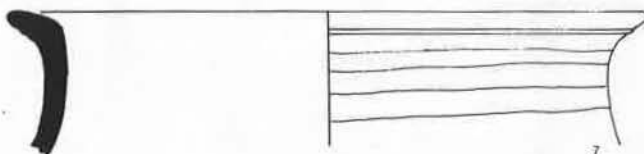
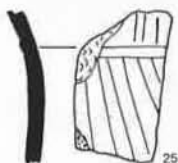
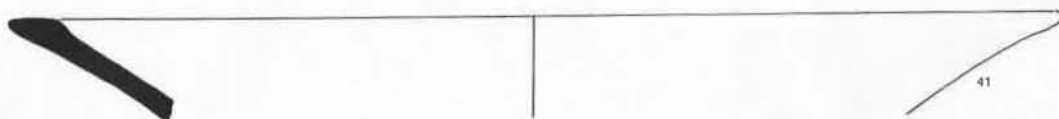
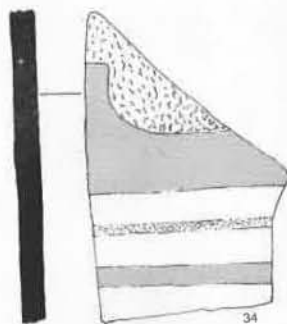
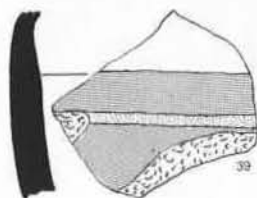
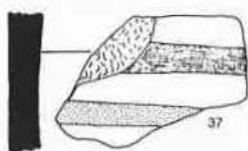
BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, A. M. 1976 — *Céramiques Préromaines*, Fouilles de Conimbriga, vol. VI, Diffusion E. de Boccard, pp. 3-13.
- ALARCÃO, J., 1975 — *La céramique commune locale et régionale*, Fouilles de Conimbriga, vol. V, Diffusion E. de Boccard, pp. 56-68.
- ARNAUD, J., 1969 — *O castelo Velho de Veiros (Estremoz)*. Campanha preliminar de escavações de 1969, Actas das I Jornadas Arqueológicas, vol. II, pp. 309-328.

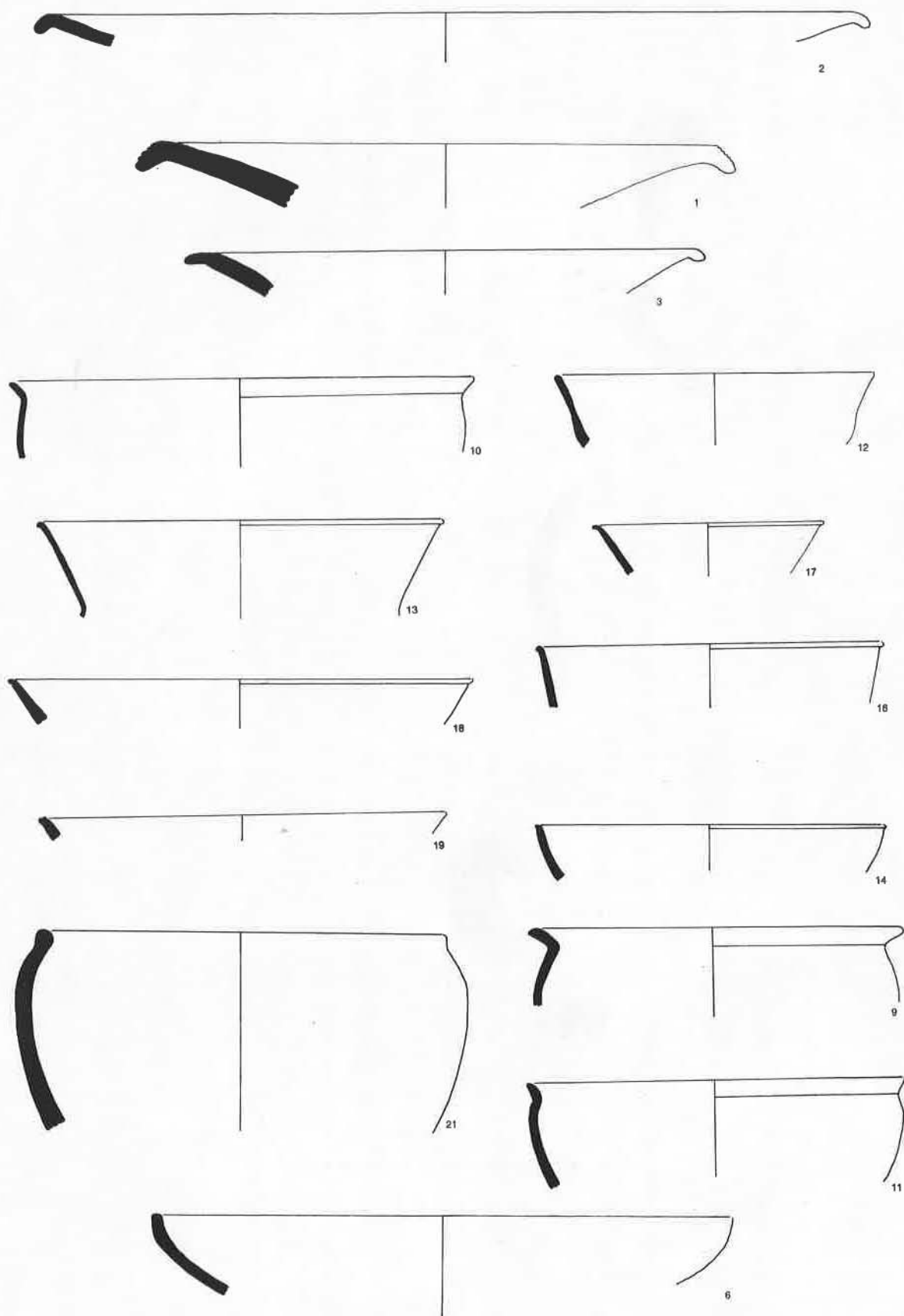
- ARRUDA, A.M. e CATARINO, H. 1981 — *Nota acerca de alguns materiais da II Idade do Ferro do complexo arqueológico dos Vidais (Marvão)*, *Clio*, vol. 3, pp. 183-188.
- BENOIT, F., 1961 — *L'épave du Grand Congloué à Marseille (Supplément XIV da Gália)*.
- BLAZQUEZ, J. M., LUZON, J. M., GOMEZ, F. e CLAUS, K., 1970 — *Las ceramicas del Cabezo de S. Pedro*.
- CUADRADO, E., 1969 — *Origen y desarrollo de la cerámica de barniz rojo en el mundo tartésico*, Tartessos y sus problemas, V.º Symposium de Prehistoria Peninsular, pp. 258-290.
- DIOGO, A.D., 1982 — *O material romano da 1.ª campanha de escavações da Alcáçova de Santarém*, *Conimbriga*, n.º XXIII, pp.
- GARRIDO ROIZ, J. P., 1970 — *Excavaciones en la necrópolis de la Joya (Huelva)*, *Excavaciones Arqueológicas en Espanha*, LXX.
- JODIN, A., 1966 — *Mogador: Comptoir Phénicien du Maroc atlantique (Études et Travaux d'Archéologie Marocaine II)*.
- LUZÓN, J. M. e RUIZ, D., 1973 — *Las raíces de Córdoba. Estratigrafía de la Colina de los Quemados*.
- PELLICER CATALAN, M., 1982 — *Las cerámicas del mundo fenício en El Bajo Guadalquivir: evolución y cronología según el Cerro Macareno (Sevilla)*, *Phöenizer in Western, Madrider Beiträge*, Band 8, Deutsches Archaeologisches Institut, pp. 371-406.
- VAZ PINTO, C. e PARREIRA R., 1972 — *Contribuição para o estudo do Bronze final e do Ferro inicial a norte do estuário do Tejo*, *Actas das III Jornadas arqueológicas*, pp. 147-163.
- SANTOS ROCHA, A., 1904/1908 — *Estações pré-romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira*, *Portugália*, vol. II, pp. 301-359.
- SCHUBART, H., NIEMEYER, H. G. e PELLICER CATALAN, M. 1969 — *Toscanos, la factoria paleopúnica en la desembocadura del rio de Velez*, *Excavaciones Arqueológicas en Espana*, n.º 66.
- SCHUBART, H. e GARRIDO ROIZ, J. P., 1967 — *Pro-begrabung auf dem Cerro de la Esperanza in Huelva*, *Madrider Mitteilungen*, 18.
- SOARES, J. e TAVARES DA SILVA C., 1980 — *O Castelo de Alcácer do Sal*, *Descobertas arqueológicas no Sul de Portugal*, Centro de História das Universidades de Lisboa/Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal, pp. 47-55.
- TAVARES DA SILVA, C., 1978 — *A ocupação da II Idade do Ferro da Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém)*, *Setúbal Arqueológica*, vol. IV, p. 117-132.



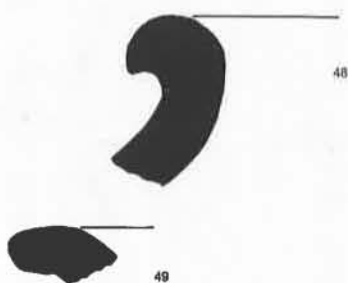
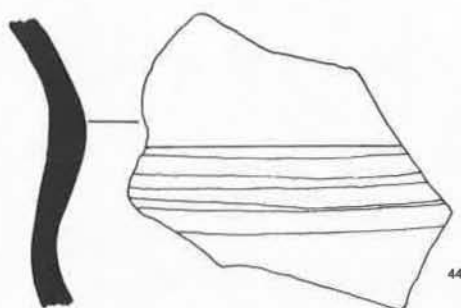
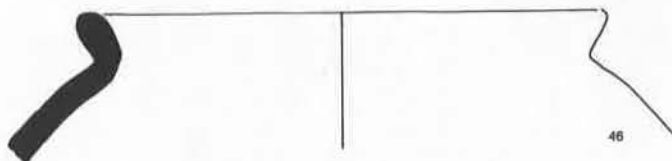
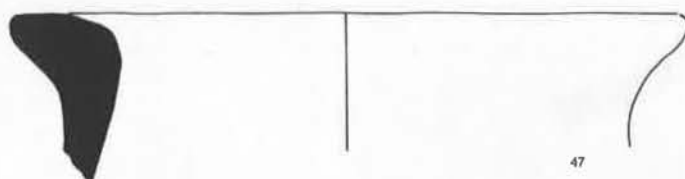
Est. I — Cerâmicas da I Idade do Ferro (Cerâmicas pintadas e de engobe vermelho).



Est. II — Cerâmicas da I Idade do Ferro (Pintadas e cinzentas finas).



Est. III — Cerâmicas da I Idade do Ferro (cinzentas finas).



Est. IV — Cerâmicas da II Idade do Ferro.